

A artista (à direita)  
trabalhando no Centro  
de Artes de Oakland,  
ao lado da irmã, Joyce.





# Unidas

Ao tirar a irmã gêmea de uma instituição, Joyce Scott libertou a si mesma | POR RACHELE KANIGEL

**U**M DIA de primavera de 1943, Lillian Scott deu à luz filhas gêmeas. Eram semelhantes em muitos aspectos - concebidas no mesmo momento, vestidas com as mesmas roupas, aconchegadas na mesma cama todas as noites -, mas ao mesmo tempo profundamente diferentes. Joyce, que nasceu minutos antes, era saudável, destinada aos desafios e vitórias no que consideramos uma vida normal. Judith surgiu pequena e com as feições achatadas de uma criança com síndrome de Down. E embora ninguém soubesse na ocasião, Judith, como se verificou mais tarde, era completamente surda.

A despeito do abismo entre elas,

que aumentava a cada ano, Joyce Scott diz que gêmeas são sempre gêmeas. Enquanto Joyce mergulhava na vida, tornando-se uma profissional de saúde e mãe, a irmã nunca saía de seu pensamento, embora morasse numa instituição do outro lado do país. Com o tempo, a distância entre as duas - literal e metafórica - começou a fazer Joyce sofrer. Esta é a história de como Joyce e Judith se reencontraram e como, em muitos sentidos, resgataram-se mutuamente.

No PRINCÍPIO, as meninas eram inseparáveis. Deixadas à vontade pelos três irmãos mais velhos, passavam longas tardes brincando na caixa de areia do quintal da casa no subúrbio de Cincinnati, organizando almoços de brincadeira, inventando jogos.



Com o passar dos anos, no entanto, as diferenças ficaram mais aparentes. Joyce acompanhava cada marco de uma infância normal, enquanto Judith se mostrava muito atrasada.

Bem depois de Joyce já formar frases completas, Judith só conseguia balbuciar. “Eu queria muito que ela falasse”, recorda Joyce, hoje com 60 anos. “Fingia que ela falava. Em meus sonhos, ela falava.”

Quando chegou o momento em que as gêmeas deveriam ir para a escola, os pais levaram

Judith para fazer um teste, na esperança de que pudesse qualificar-se para a única turma de crianças com deficiências de aprendizagem, no ensino público. Mas Judith não conseguiu responder à maioria das questões. “Ninguém percebia que ela era surda”, conta Joyce. “O examinador pedia: ‘Aponte o círculo’, e ela nem sabia o que eram as palavras.” Naquele tempo, eram raras as famílias que mantinham as crianças com deficiências graves em casa, e começou a aumentar a pressão para que Judith fosse internada.

“Conversamos com o padre, com os psicólogos, e todos disseram o mesmo: que devíamos interná-la numa instituição”, diz Lillian, hoje com 91 anos. “Isso partiu meu coração.”

CERTA MANHÃ de outono, quando tinha 7 anos e meio, Joyce acordou e

viu um espaço vazio na cama que partilhava com a irmã. Os pais explicaram que Judith ia para um lugar onde pudessem cuidar melhor dela. Joyce conta que se sentiu desolada.

“Lembro-me da sensação de extrema solidão e vazio.”

A família visitava Judith na labiríntica Escola Estadual de Columbus sempre que podia, mas a instituição ficava a uma distância de três horas de carro. Cinco anos depois, transferiram Judith para o Centro de Desenvolvimento

de Gallipolis, ligeiramente mais moderno do que Columbus, porém ainda mais longe da casa dos Scotts. As visitas da família foram escasseando cada vez mais, sobretudo depois de 1956, quando o pai das meninas morreu, deixando Lillian sozinha para criar os quatro filhos. Mesmo em Gallipolis, Judith recebeu pouca instrução e treinamento. Nunca aprendeu a falar, ler ou escrever, e mesmo depois de diagnosticada sua surdez, aos 30 e poucos anos, não lhe ensinaram a linguagem dos sinais.

Nesse ínterim, Joyce cresceu, entrou para a faculdade e depois se mudou para a Califórnia, onde se casou, teve filhos e iniciou a carreira de enfermeira. Passavam-se meses, às vezes anos, entre as viagens a Ohio para visitar Judith. Ilana, filha de Joyce, lembra-se de que aos 9 anos acompanhou a mãe numa visita e viu tia Ju-

**Foi como se Judith achasse a voz para algo que nunca havia revelado.**



dith pela primeira vez. “Elas não se viam havia anos, mas, quando Judith viu mamãe, logo a reconheceu. Mamãe começou a chorar.”

Em 1985, Joyce, que estivera trabalhando com pacientes terminais, quis renovar as energias e foi fazer um retiro nas montanhas de Santa Cruz, perto de São Francisco. Durante suas horas de solidão, pensava sem parar na irmã. “Algo acontece quando se está naquele silêncio”, diz Joyce. “Tomei consciência de como era profunda nossa ligação e de que não havia motivos para ficarmos separadas.” Antes do fim do retiro, resolveu que ela e Judith passariam o resto da vida juntas.

Joyce providenciou para ter a guarda legal da irmã e um ano depois a levou para morar na Califórnia. Logo encontrou um lar coletivo perto de sua casa em Berkeley, onde Judith receberia os cuidados diários de que precisava. E, aconselhada por um amigo psicólogo, inscreveu Judith no Centro de Artes para o Desenvolvimento Criativo, em Oakland, um estúdio voltado para o trabalho de deficientes.

O armazém aberto e arejado,

**“Sem título” - um casulo de 1,45 metro de altura, de fios coloridos. Quem sabe o que ele contém?**

onde artistas ensinam pintura, cerâmica e tapeçaria, é um lugar impressionante, explica Joyce. “Existe uma grande sensação de liberdade e criatividade.” Nos primeiros meses, toda manhã Judith chegava para a aula e se limitava a sentar-se a uma das mesas grandes, olhando vagamente para os instrutores que lhe apresentavam tintas, argila e lápis de cor. “Ela era geniosa e obstinada”, recorda Sylvia Seventy, instrutora no Centro. “As pessoas tentavam conseguir que ela fizesse algo, e ela nem se mexia.”

Com o tempo, a instrutora quebrou a barreira. “Ela é engraçada, assim como eu”, diz Sylvia. “Às vezes imitava as suas expressões e ela ria. Começou a gostar de mim.” Sylvia passou a trabalhar com Judith numa tela de tapeçaria, ensinando-a a costurar com agulha e fios de lã. “Ela costurava e costurava até que tudo estivesse coberto de fios”, conta a instrutora. Então, um dia, Judith começou a enrolar o fio em volta de um maço de gravetos de salgueiro. Acrescentou barbante, tecido, tela de arame e blocos de madeira à sua criação.

“Quando começou a trabalhar com fios e a envolver objetos, foi como se achasse a voz







para algo que jamais expressara”, diz Stan Peterson, outro professor do Centro.

Nos meses seguintes, Judith começou a desenvolver um estilo definido e pessoal. Começava com objetos descartados – um patim, um leque inutilizado, um pedaço de madeira, um pé de sapato – e os enrolava com fio ou barbante, trabalhando durante horas, até o objeto ficar irreconhecível. Algumas de suas obras ficavam tão grandes que era preciso dois homens para carregá-la.

**Judith procura no Centro objetos descartados para seus trabalhos. Até chaveiros entram em suas esculturas.**

Embora a maioria fosse de formas abstratas, algumas das primeiras peças se assemelhavam a bonecas. Judith ninava no colo sua primeira escultura tridimensional. Outra foi um par de figuras envoltas em fio preto. Quando Joyce viu, chorou. “Pensei: somos nós.”

Em 1989, Frank Maresca, co-proprietário da Ricco/Maresca Gallery



de Nova York, que expõe obras de artistas marginalizados e autodidatas, visitou o Centro e ficou encantado com o trabalho de Judith. “Era algo que eu nunca tinha visto, esses casulos ricos em texturas que ocultavam dentro de si ninguém sabe o quê”, diz Maresca. “Senti-me atraído pelo exterior e sugado para o mistério do interior.”

Maresca começou a expor e a vender as obras de Judith, algumas das quais alcançaram o valor de 15 mil dólares. (A maior parte de suas necessidades financeiras são cobertas pelo seguro social, de modo que os ganhos de Judith são depositados num fundo para ela.)

Espalhando-se a notícia de sua arte, os curadores foram ver as enigmáticas esculturas de fibra e conhecer a artista. Nos últimos anos, suas obras têm sido expostas em museus e galerias de Chicago, São Francisco, Paris e Tóquio. Em 1999, o historiador de arte John M. McGregor fez um perfil de Judith no livro *Metamorphosis: the fiber art of Judith Scott* (Metamorfose: a arte em fibras de Judith Scott). No ano passado, o Museu de Arte Folclórica dos Estados Unidos aceitou cinco de suas peças.

Segundo Joyce, Judith não tem idéia de sua fama, mas foi transformada pela atenção do público. “Hoje ela é mais extrovertida”, analisa. “Antes era desconfiada, reservada e distante. Agora irradia amor pela vida.” Joyce também se modificou. “Quando Judith estava internada, parecia que faltava uma parte de mim. Estar junto dela e assistir ao seu desabrochar tem sido extremamente gratificante.”

FAZ POUCO TEMPO, numa ensolarada manhã, Judith estava sentada em seu canto no estúdio de artes, trabalhando em sua peça mais recente, uma sombrinha quebrada envolta em fios coloridos. Lenta e metodicamente, corta o fio azul-celeste de um novelo e o trança nas varetas da sombrinha, amarrando, envolvendo, cortando e recomeçando com outro fio. Baixinha e gorducha, de cabelos finos e ralos, trabalha concentrada, só parando de vez em quando para dar um gole num refrigerante *diet*. Quando a irmã chega, Judith de imediato abre um sorriso e acena como criança. Joyce abraça a irmã. As mãos se apertam e os lábios tocam as faces. Gêmeas são sempre gêmeas.

## REMEDIÁVEL

Sou professor de educação física numa escola de ensino médio. Um dia, estava jogando futebol com alguns alunos quando machuquei um deles.

- Você está sentindo dor? - perguntei.
- Nada que uma boa nota não cure - respondeu ele.



ALONSO PÉREZ, México